



PABLO NERUDA

“Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca ideias.

O Leitor



## NESTA EDIÇÃO

Dia Mundial do Escritor	1
Editorial	2
Dia Nacional da Leitura	2
Paulinho Bandido	3
Nossa Gramática	3
Vidas Secas	4

## DIA MUNDIAL DO ESCRITOR

Existem dias em que as palavras assemelham-se aos doces sonhos de uma criança, angelical e suave como a mais leve das aves. Outros dias podem traduzir as mais duras e cruéis realidades edificadas em nossa mente. Dias em que os pensamentos facilmente deslizam para as folhas de papel e dias em que travam-se numa caverna interior, teimando e lutando para não sair de seu estado nativo, original.

Um escritor passa por momentos semelhantes a estes que descrevi, momentos comuns de uma vida que parece necessitar-se por derramar sua alma em forma de letras sobre o papel. E não se enganem, nem tudo o que um escritor escreve é com a primeira intenção de ser lido por outro. Parece certo afirmar que, muitos escritores não chegam a publicar 100% do que colocam sobre o papel. Muitas ideias e sentimentos traduzem-se em palavras escritas ou digitadas, mas recebem muitas ponderações antes de serem oferecidas pelo autor para quem desejar lê-las. Eu mesmo, escrevendo este artigo, penso, escrevo, repenso, ajusto uma palavra aqui, melhora um verbo acolá, e assim vai se construindo uma obra, fruto de uma enxurrada de palavras pensadas e refletidas, para que ao fim de uma purificação, surja de maneira consistente um texto digno de leitura.

O escritor, esta figura que a própria vocação deixa romantizada antes mesmo de ser conhecida, precisa ser colocado como uma ação, não como uma profissão. Certamente será fácil me compreender nisso, visto que se existe profissão de escritor, ela é ulterior a ação de escrever, pois, apesar das

disciplinas na escola nos ajudam a aprender corretamente um idioma, escrever só acontece quando a ação acontece, quando a vontade não esmorece e rompe aquela fraqueza quase natural do ser humano que geralmente o impede de desenvolver uma atividade intelectual.



Portanto, a afirmação que diz “este nasceu para escritor” não me parece correta, pois entendendo o escritor com alguém que conseguiu libertar-se das amarras da letargia intelectual, prefiro afirmar que todos podem alcançar certo grau de atividade redacional, e assim muitos podem elevar-se a níveis dignos de lembrança no universo literário. E assim, podem surgir muitos escritores.

Klaus Tolst  
tolst.klaus@hotmail.com

## EDITORIAL

Talvez alguém julgue totalmente desnecessário dizer isso, mas o ato de ler precisa ser comemorado. Claro que esta afirmação necessita de um prévio comentário explicativo, que resumidamente podemos registrar desta maneira.

Existe uma real e provada evolução humana, que manifesta-se claramente através da comunicação entre os seres da mesma espécie. Esta mesma capacidade comunicativa evoluiu ainda mais, para além da simples capacidade de transmissão da ideia, através de gestos e sons para a percepção de um outro ser humano, ela evoluiu para uma forma de registro físico

daquilo que originalmente não é físico, isto é, a ideia ou pensamento.

Nesta evolução encontramos a escrita, o registro das manifestações gesticuladas e faladas. Eis o tesouro da humanidade, pois agora além de nos entendermos através de gestos e palavras, podemos também escrever, através de símbolos (letras), o que queremos que muitas outras pessoas de nosso tempo e de tempos futuros possam conhecer.

Mas esta escrita de nada valeria se não houvesse a ação motivada pela escrita, ou seja, a *leitura*.

## DIA NACIONAL DA LEITURA

Não gosto de me enganar e nem de alimentar falsas esperanças nas outras pessoas, especialmente sobre algo não muito concreto e sensível para os seres humanos como eu. Quando se houve na escola regular, os professores tentando incentivar seus alunos para a leitura, de imediato surge o primeiro sentimento de “coisa sem valor”, ou mesmo de “perda de tempo”. De fato, muitos logo tentam pesar o tempo perdido na tarefa de ler um livro, como se os incentivadores da leitura não entendessem que é um tempo morto, sem produtividade ou sem ganho de prazer.

Estes simplórios pensamentos são reais, e a maioria dos jovens e adolescentes os têm. Mas são pensamentos reflexivos de uma prévia compreensão sobre a leitura que de alguma forma foi formando-se em sua cabeça. A ideia pré-concebida de que ler é tempo perdido e que não produz nada, é consequência de uma compreensão distorcida e absurda sobre a evolução do ser humano, afinal, sua formação para qualquer coisa, até para ter lazer, passa pela leitura de livros. Acho que nas escolas regulares, deva-se trabalhar neste sentido, de eliminar estas ideias pré-concebidas nas mentes destes estudantes.

Com isto, desejo lembrar desta comemoração especial no mês de outubro, *O Dia Nacional da Leitura*. Quisera eu que fosse este dia feriado nacional, ou que pelo menos se fizesse em todos os municípios do país uma feira de leitura ou eventos similares neste dia.

Valorizar esta atividade pessoal tão importante é ressaltar também a própria capacidade humana de aprender e ensinar, de compartilhar virtudes e alimentar novos horizontes. Tudo isso é possível com a

“Valorizar esta atividade pessoal tão importante é ressaltar também a própria capacidade humana de aprender e ensinar, de compartilhar virtudes e alimentar novos horizontes”

leitura quotidiana, organizada e interessada.

Estava revendo as edições deste informativo e percebi que na 4ª edição (outubro de 2021), o Editorial falava do *Dia Nacional do Livro*, e ali se lia a indagação provocada pelo texto:

Mas o que deve ser o Livro em nossa vida? Ou melhor: Como devo valorizar este artefato na trajetória de minha existência? (*O Leitor*, 4ª edição)

Pois para mim, compreendendo a importância do livro para a vida humana como descoberta e não apenas mais um artefato, a única ação eficaz que podemos dispensar para a valorização do livro é a insistência no hábito de ler, afinal, um livro existe para ser lido, o que seria dele se existisse para nunca ser folheado e saboreado?

Enfim, caros amigos leitores. Este dia de comemoração não é sobre alguém ou sobre algum evento específico da história, mas sobre nossa necessidade de valorizar o que de mais precioso conseguimos desenvolver e também de lembrarmo-nos de que nosso crescimento humano e intelectual utiliza-se desta ferramenta vital, a leitura.



## PAULINHO BANDIDO

- Bando de maricas, é o que vocês são!

Bradava em meio às gargalhadas Paulinho, o menino mais magrinho que habitava aquela rua. Bem verdade que, na rua Dos Zig-Zag, havia uns dez meninos nem tão gordos, nem tão magros, mas que nem se aproximavam da magreza de Paulinho.

- Vamos continuar logo este jogo, minha mãe vai me surrar se não ir logo para casa - insistia Zé Biruta, o menino mais energizado do grupo.

Todos estes meninos que brincavam na rua, quando o tempo permitia, habitavam em casas simples, sem muito requinte na rua Dos Zig-Zag. Aliás, a rua possui este nome por causa dos buracos quase permanentes que possuía, o que exigia dos motoristas uma performance atenciosa, fazendo com que os carros e motos fizessem verdadeiros zig-zags desviando dos buracos. Mas estes buracos não impediam as épicas partidas de futebol destes meninos.

Claro que na rua Dos Zig-Zags haveria de acontecer algum fato mis-

terioso e inacreditável. Certo dia, Zezinho Bolita - assim o chamavam os amigos - saltou correndo para o meio da rua quase sem fôlego, agitado como se tivesse visto uma aranha gigantesca. E logo que avistou alguns de seus companheiros de futebol reunindo-se para mais um dia de atividade esportiva, berrou aos seus:

- Furaram a bola! Furaram a bola!

Zezinho Bolita era o dono da única bola de futebol da rua, e cuidava dela com muito zelo, afinal, havia ganho de sua avó de quase 90 anos, que deu a ele de presente de aniversário.

- Meus Deus! Que tragédia, e agora? - Logo respondeu Luís.

- Mas o que você fez com a bola, Zezinho? - Indagou Moisés.

- Puxa, mas você não guardou ela direito? - Disse Paulinho.

Zezinho quase sem fôlego respondeu de modo agitado:

- Mas não fui eu. A bola estava guardada como sempre guardei. Um pouco antes, fui pegar ela para vir aqui e lá estava ela, deformada,

murcha igual uma laranja chupada.

- Mas como ela foi murchar... que estranho! - Disse Toninho Pé de Vento de modo pensativo.

- E o pior vem agora: Ela tinha um corte de canivete. Alguém fez de propósito - revelou Zezinho.

Todos se olharam incrédulos no que ouviam. Quem faria isso com a única bola da rua? Depois de alguns lamentos aqui e acolá, ouviu-se a voz quase vacilante de Paulinho:

- Fui eu. Fui eu quem furo a bola com canivete.

Zezinho quis voar no pescoço do magrelo Paulinho, mas conteve-se e interrogou:

- Mas porque você fez isso, seu idiota?

- Porque sempre quis ser o bandido da turma.

E dizendo isso saiu caminhando e assobiando. Deste dia em diante, ficou conhecido como Paulinho Bandido.

João Contador  
(Pseudônimo)

## **G**Nossa Gramática AS DIVISÕES NA GRAMÁTICA: MONOSSÍLABOS

Monossílabos são as palavras formadas por apenas uma sílaba, ou seja, são pronunciadas através de uma única emissão de som, tais como: cor, pá, nó. Conforme a tonicidade com que são pronunciadas, elas podem ser átonas (com pouca intensidade) ou tônicas (com muita intensidade).

### Monossílabos átonos

Os monossílabos átonos não são pronunciados de forma expressiva, mas sim, com pouca intensidade.

Palavras monossílabas átonas:

a / com / de / e / lhe / mas / no

Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos, por sua vez, são pronunciados de for-

ma expressiva, ou seja, com muita intensidade.

Palavras monossílabas tônicas:

bom / cá / dê / dor / é / flor / géis / há / já / voz

### Acentuação dos monossílabos tônicos

São acentuados os monossílabos terminados em:

A, AS: dá, lâ, gás, má, chá, fã.

E, ES: fé, sé, três, vê, mês, sê.

O, OS: xô, só, pôs, nós, vós, só.

ÉU, ÉUS: céu, céus, réu, réus, véu, véus.

ÉI, ÉIS: réis, géis.

ÓI, ÓIS: dói, mói, sóis.

### Diferenças entre monossílabos átonos e tônicos

O mesmo monossílabo pode ser átono em uma oração, mas ser tônico em outra oração.

# VIDAS SECAS

Depois de alguns anos de leitura e de alguns livros, muitos autores vão assemelhando-se nos temas e nos cenários, quase levando-nos ao enfadonho da narrativa. Apesar deste pensamento um tanto crítico, não posso simplesmente apagar a importância de obras como a *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, por conter muita semelhança de tema e cenário com outras obras de outros autores, alguns deles que até já comentei por aqui.

No entanto, assim como outros escritores, Ramos possui uma habilidade interessantíssima de descortinar cenários possivelmente existentes na vida real, mas que se edificaram principalmente em seu imaginário. Claro que, assim como acontece com outros escritores, Ramos possuía certo conhecimento das características que imprimiu nesta obra, do contrário não traria tanta riqueza de detalhes da vida sofrida do sertanejo, do povo que migra como andarilhos nos anos e na vida, por estas terras secas.

Como indiquei logo no início, parece irrefreável o impulso de comparação com outras obras com temas semelhantes. O que não invalida a observação, visto que cada escritor, assim como acontece com Graciliano Ramos, imprime uma característica própria na obra que escreve. E assim acontece com a obra *Vidas Secas*, que deteve-se especialmente nas desventuras de quatro personagens, que formavam uma família: o pai, Fabiano, a mãe, *Sinha* Vitória, e dois irmãos meninos, que não foram nomeados por Ramos. Além destes personagens, encontramos Baleia, a cadela raquítica que acompanhou até certa altura da narrativa esta família, sofrendo uma triste morte que fora causa de certo tormento para Fabiano, por ter sido ele a dar o fim de sua sofrida vida.

Parece-me que o tema do sofrimento de uma vida semelhante a desta família é o quadro principal deste romance, pois, apesar da penetração que o leitor fará em muitos detalhes apresentados do

quotidiano destes personagens, as inúmeras e sequentes dificuldades que geram o sofrimento pela carência, alimenta não somente o imaginário do leitor mas também o espírito de compaixão por gente em parecido estado de vida.

*Vidas Secas* é evidentemente uma crítica às injustiças da época, especialmente por coisas como, a negligência de educação ao povo; a falta de empenho por melhorias estruturais nas cidades e nos campos; a negligência por melhoria de assistência

sanitária aos mais necessitados; e crítica ao desrespeito dispensado ao trabalho de homens como Fabiano, que cuidavam de animais para fazendeiros e que por causa da falta de fiscalização e de recursos jurídicos, eram facilmente injustiçados nos pagamentos. A pobreza e a doença é uma chaga deste cenário impresso por Ramos em sua obra. Este tema crítico a um estado de vida sofrido e que deveria receber mais atenção é também um forte apelo que junta-se as demais obras de outros autores que utilizaram-se de seu talento e habilidade para expor ao resto do país as necessidades de uma parcela desta nação, que talvez seja totalmente desconhecida pela população das outras regiões do Brasil.

A obra em questão se tornou facilmente um *bestseller* brasileiro, ao menos em nosso território nacional, por não exagerar nem omitir, mas por simplesmente detalhar através de uma família as desventuras que se pode passar quando cresce-se em terra de difícil manuseio para o sustento e também em terra onde a virtude da justiça e compaixão não fazem morada nos corações.

E já que termino por aqui, preciso lembrar o que seria necessário que se encontrasse em um obra como esta: esperança, para mover os passos para adiante.

Valderi da Silva  
valderi@valderi.com.br



Apoio e divulgação:

**VALMI**

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

**Societas Libri**

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

**oleitor.info@gmail.com**

Ou faça a assinatura mensal pelo link  
www.oleitor.info/assinatura